

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MATHEUS VILAR SILVA

REPERCUSSÃO DA BALAIADA NO MUNICÍPIO DE MAGALHÃES DE ALMEIDA

Brejo - MA

2014

MATHEUS VILAR SILVA

REPERCUSSÃO DA BALAIADA NO MUNICÍPIO DE MAGALHÃES DE ALMEIDA

Artigo Científico apresentado à Faculdade PROEX
FADIRE para obtenção do Grau em História.

Prof. Orientadora: Mestranda Ana M. Ramalho
Melo

Brejo - MA

2014

MATHEUS VILAR SILVA

REPERCUSSÃO DA BALAIADA NO MUNICÍPIO DE MAGALHÃES DE ALMEIDA

Artigo Científico apresentado à Faculdade PROEX

FADIRE para obtenção do Grau em História.

Prof. Orientadora:

NOTA: _____

APROVADO: ____/____/_____

BANCA EXAMINADORA

(Professora Orientadora)

1º Examinador

2º Examinador

REPERCUSSÃO DA BALAIADA NO MUNICÍPIO DE MAGALHÃES DE ALMEIDA

Matheus Vilar Silva

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI – URCA

RESUMO

O presente artigo foi feito na área que abrange hoje o município de Magalhães de Almeida, o qual pertencia ao município de Brejo (especificamente o povoado Trincheiras) isso se deu no período da insurreição dos escravos, quando os mesmos viram-se desprovidos de seus direitos juntamente com os analfabetos e pobres e, com isso constituíram um grupo para lutar por um espaço na sociedade brasileira que naquela época vivia em período regencial. Tem-se por objetivos apresentar alguns depoimentos dos moradores mais antigos e vestígios que comprovam que durante a Balaiada o povoado de Trincheiras foi rota dos balaaios pela região para assim atingirem a cidade de Tutóia, uma vez que eram perseguidos constantemente para serem presos ou mortos. Para a realização desta pesquisa analisamos os depoimentos das senhoras Ionésia Sumé Pereira, Maria de Fátima Rocha (Fatinha), Maria do Rosário Sousa (dona Rosarinha) e de outros habitantes da região de Trincheiras para nos certificarmos da real povoação daquela área. Daí, possivelmente a origem do nome desta localidade que é sabido por todos que se tratava de uma tática de guerra adotada pelos balaaios para enfrentarem as tropas repressoras. Constatamos que a Balaiada foi um movimento sócio-político que muito impactou a nossa história por representar o desejo das pessoas mais humildes da sociedade da região do conflito por melhores condições de vida, respeitando a todos como cidadãos e não privilegiando uma aristocracia dominante. Para tanto, usamos como referencial teórico de Janotti (1989) e Dias (1996) que abordam de maneira clara e precisa esse assunto.

Palavras-chave: Guerra. Cidadãos. Aristocracia dominante.

ABSTRACT

This article has been made in the area that today encompasses the municipality of Magalhães de Almeida, which belonged to the municipality of Brejo (specifically the village Trenchers) that occurred during the insurrection of the slaves, when they themselves saw if devoid of their rights along with the illiterate and poor and, with that they constituted a group to fight for a place in Brazilian society which at that time lived in the Regency period. Has as objectives to present some testimonials from residents and traces showing that during Belayed the village trenchers was route of Ballios bioregions Astor each the city Tutoia, since they were the constantly per scooted for being arrested or killed. For this research we analyze the testimonies of the ladies Ionésia Sumé Pereira, Maria de Fátima Rocha (Fatinha), Maria do Rosário Sousa (Dona Rosarinha) and other inhabitants of the Trenchers as to make sure we the actual population of that area. Hence, possibly the origin of the name of this town which is known by everyone that it was a war tactic adopted by balaaios to confront their armed oppressors. We note that the Belayed was a socio-political movement that really impacted our history to represent the desire of the people humbler society the conflict region for better living conditions, respecting everyone as citizens and not favoring one ruling aristocracy. For that, we use as the oretical reference Janotti (1989) and Dias (1996) which deal clearly and precisely this subject.

Words-key: War. Citizens. Ruling aristocracy.

INTRODUÇÃO

A Balaiada foi um movimento que ocorreu no período de 1838-1842 na província do Maranhão, Piauí e Ceará. As revoltas ocorridas em todo país, no período citado, são reflexo da crise política e econômica que se alastrava por todo território brasileiro, ainda herança do período monárquico. Nessa época no Maranhão, estava acontecendo divergências políticas entre as elites conservadoras e liberais. Os conservadores (que eram chamados de Cabanos) representados pelos grandes comerciantes e uma parte dos proprietários rurais e o Partido Liberal, cujos integrantes eram conhecidos como bem te vis, apoiados pela outra parcela de fazendeiros, à qual se somavam as camadas médias urbanas.

Essa rebelião envolveu os mais variados grupos sociais. A maior parte da população maranhense no início do século XIX era composta principalmente de escravos, vaqueiros e pequenos agricultores, que viviam em condições de extrema pobreza. Os revoltosos inconformados com suas condições de vida miserável iniciaram um movimento que ficou conhecido como Balaiada, lutavam por uma qualidade de vida melhor e reivindicavam direitos constitucionais e políticos, adquiridos com a criação da Constituição Brasileira, por considerarem-se cidadãos deste país. A Balaiada teve como principais líderes o vaqueiro Raimundo Gomes, o pequeno agricultor e fabricante de cestos Manoel Francisco dos Anjos Ferreira (balaio) e o liberto Cosme Bento das Chagas, o Preto Cosme, que chegou a arregimentar quase 3 mil negros, entre escravos e libertos.

A revolta teve como estopim o recrutamento compulsório da população para servir o Exército e a Marinha. Segundo Assunção:

O alistamento era visto pelas autoridades como forma de fazer com que a população pobre se tornasse útil à sociedade. Ao mesmo tempo, funcionava como forma de o poder público se livrar de pessoas consideradas perigosas para a sociedade. p.302

O governo fazia o recrutamento da população e os que não obedeciam ao chamado e fugiam eram considerados desertores, sendo assim, capturados e presos. A população vivia dessa forma amedrontada e submissa ao poder do governo que era absolutamente autoritário e não aceitava ser contrariado.

A visão preconceituosa construída pela aristocracia dominante sobre a população inconformada com sua condição miserável. A sociedade na província do Maranhão era uma reprodução do que era em todo Brasil. Aqui, existia um pequeno grupo de grandes proprietários e altos funcionários que concentravam em suas mãos todas as oportunidades, ficando para a grande maioria da população somente a pobreza extrema. E para conservar

estes privilégios os detentores do poder marginalizavam os elementos que mais tarde iriam fazer parte da Balaiada com termos pejorativos numa tentativa de desqualificar o homem simples.

Da mesma forma que empregavam para os balaios termos como: o preto Antonio, o cafuz João, o mestiço Francisco, o caboclo Coque, ressaltavam também serem eles de origem humilde e desconhecida, aliada à perversidade sem limites, próprios dos sertanejos. Eram os preconceitos de “casta”, os estereótipos seculares com os quais a aristocracia se protegia do contato com os pobres. Janotti (1987, p. 57-58).

De acordo com o depoimento de Dona Ionésia, primeira tabeliã de Trincheiras a localidade recebeu este nome em 1838 por causa da balaiada. A mesma acrescenta: “Trincheiras era um refúgio dos balaios na sua trajetória nesta região indo depois para a cidade de Tutóia”.

Os moradores de Trincheiras relatam que os balaios ao chegarem à localidade encontraram muitos negros que trabalhavam na propriedade de Dona Chiquinha Castelo Branco, primeira fazendeira da região e nas matas próximas das margens do rio Parnaíba onde existiam índios da etnia dos Tapuias que eram muito avessos em manter relações com os brancos ou negros.

Mas com a chegada dos balaios estes índios foram cada vez mais adentrando a mata até desaparecerem da região. Os moradores declaram que ouviram dos mais velhos que tais índios não apareciam durante o dia, mas a noite podia se ouvir nas proximidades das matas e margens do rio Parnaíba os Tapuios se comunicando entre si.

1. AS CAUSAS

O Maranhão embora tivesse alcançado destaque como um estado exportador de arroz e de algodão e com isso ter desenvolvido uma sociedade que gozava de certos privilégios, passava por uma crise financeira. Pois o mesmo já não podia concorrer no mercado mundial algodoeiro, já que não investia na tecnologia de produção de algodão como o fez, por exemplo, os Estados Unidos, como salientou Caio Prato Junior. SegundoPadro Jr. apud Janotti(1987, p. 38):

Aqui não se empregou o descaroçador, inventado por Whitney em 1792, responsável por uma verdadeira revolução na cultura algodoeira dos Estados Unidos, nem se

quer outros melhoramentos técnicos, o que em grande parte, determinou a baixa produtividade da cultura do algodão no Brasil.

Outra causa da Balaiada foi o recrutamento obrigatório dos populares, que ficou conhecido como “pega”, onde o governo escolhia quem teria que servir no Exército e na Marinha. E os escolhidos eram obrigados a atenderem ao chamado por pena de serem presos se houvesse recusa em servir a pátria. Os rebeldes não lutavam somente por liberdade, mas por melhores condições de vida, de medidas que pudessem atender suas necessidades, produzindo assim mudanças no cotidiano da vida social e pelo direito de fazerem suas próprias escolhas.

2. A LUTA PELA LIBERDADE

Conforme pesquisa realizada, na coleção de documentos do Arquivo Público do Estado do Maranhão, São Luís, 2001, mostra que os escravos no Estado do Maranhão, em novembro de 1838 já viviam em conflito com as autoridades locais e, não mais, queriam aceitar sua condição de marginalização e opressão. “Tendo-me o juiz de Paz do distrito do Urubu comarca de Caxias, oficiado em data de 5 do corrente, comunicando-me ter mandado uma diligência contra alguns escravos amocambados, e terem estes dispersado a mesma, com a morte de um paisano, e ferimento de outro, e de um soldado de 1ª linha...” 2001. Os negros não aguentavam mais a condição em que estavam submetidos. Maltratados, reprimidos sem poderem se expressarem descontentes com essa situação se rebelaram. Portanto, esta condição de homem não agradava aos escravos, apesar destes terem sido condicionados a uma visão de uma sociedade onde existia o dominado e o dominante.

A expansão do Maranhão foi feita com o objetivo do plantio da cana-de-açúcar, que era o produto mais exportado no período Regencial, e os colonos não obtiveram o resultado esperado, devido ao clima e as terras não serem boas para o plantio da cana. Logo os produtos que os colonos produziam, não davam grandes lucros, e por isso a condição de pobreza dos colonos os levou, mais tarde a se juntarem aos escravos revoltosos. O que coincidiu com o clima de disputas políticas, vivido pelo Maranhão, os liberais (bem-te-vis) e os cabanos, remanescentes dos portugueses. A oposição ao governo desgostosa com suas atitudes em nomear líderes políticos para cargo de prefeito das cidades e justapuseram os rebeldes dando força à rebelião.

A revolta recebeu este nome por que um dos principais líderes do movimento, Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, fazia cestos, objeto conhecido como 'balaio'. Neste período o Estado Nacional Brasileiro acabara de nascer, e vários movimentos contestatórios surgiram. Essas revoltas não seriam bem vistas no cenário político internacional, um país onde o povo era, em sua grande maioria, negra, analfabeta e pobre, não teria um caráter renovador e civilizado. E por este motivo todo e qualquer movimento de revoltosos seria tratado como manifestações contra a civilização. Como brasileiros queriam participar da Constituição Brasileira que lhe fora dado de presente pelo então Imperador D. Pedro I. Embora os homens brancos insistissem em tratar os homens de cor escura como seres inferiores e desprovidos de quaisquer direitos ou cidadania. E os historiadores propositalmente esconderem as qualidades do povo, pois não seria adequado para este novo modelo de país, ter um povo negro e escravo, mas seres ricos e soberanos.

3. A REPRESSÃO DA REVOLTA

Os rebeldes e seus seguidores começaram a percorrer o interior do Maranhão, protestando contra a discriminação e a desigualdade social reinantes na província. Invadiam fazendas e libertavam os escravos. Os liberais, interessados em assumir o poder no Maranhão, apoiaram os insurgentes fornecendo-lhes armas e munições. Em 1839 os revoltosos dominaram Caxias, a segunda maior cidade maranhense, onde constituíram uma Junta Provisória que contou com a participação de líderes bem te vis da cidade.

Durante o século XIX, intelectuais procuraram explicar o nascimento do Estado nacional brasileiro, empenhando-se em atribuir às instituições do novo país independente um caráter constitucional, renovador e civilizado. Tudo que fugisse a esse próspero modelo era rechaçado, considerado um desvio. Nessa medida, os movimentos contestatórios, entre eles a Balaiada, foram julgados como anomalias, manifestações da barbárie contra a civilização, representada pela ordem monárquica. Janotti(2005, p.)

A sociedade criou um modelo em que, os que se encontrassem fora desse padrão ditado por ela, seria alvo de grandes discriminações. Sem nada poder fazer a população teria que aceitar todas as suas imposições e quem ousasse se rebelar contra essas condições do governo seria tratado com máxima repressão.

A referida municipalidade possui uma área de 433,148 km², o que representa “0,1305% do estado, 0,0279% da região e 0,0051% de todo o território brasileiro” (CORDEIRO FILHO, 2011, p. 227). Os limites atuais fazem-se com os seguintes municípios: norte - Araióses - MA; sul - Joaquim Pires e Luzilândia - PI; leste – Joaquim Pires e Murici dos Portelas - PI; oeste - São Bernardo.

Foram escolhidos três locais inseridos no Município de Magalhães para realização da pesquisa. Sendo estes: Santo Agostinho que dista 15 km da sede, Trincheiras que dista 18 km da sede e ambos estão localizados as margens da Lagoa do Bacuri, e o terceiro foi Bebedouro de São Pedro que dista 23km da sede, e localiza-se as margens do Rio Parnaíba. O delineamento destas áreas foi feito devido a relatos de moradores sobre uma possível guerra, ocorrida em tempos atrás, entre negros e homens brancos, no entanto ninguém sabe explicar como e quando ocorreu a guerra. Optamos por realizar visitas nestas áreas, sendo que seria analisada uma área por vez. Nosso objetivo com essas visitas era buscar vestígios, provas que comprovassem as histórias contadas pelas pessoas dos locais visitados.

A primeira visita foi realizada em maio de 2012, no povoado de Trincheiras, por ser esta a mais relatada entre os moradores mais antigos. Nós ao realizarmos esta visita encontramos um pequeno elevado de terra, com o nome de “morro das Trincheiras”. Este morro localiza-se as margens da Lagoa do Bacuri e em tempos de grandes enchentes no Rio Parnaíba este fica ilhado. A vista do pequeno morro é privilegiada, pois do alto do morro dar para observar um longo percurso das águas da lagoa. Neste morro encontramos duas trilhas de pedras que iam de uma margem a outra do morro. Segundo relato da moradora Maria do Rosário, a avó dela contava que “estas trincheiras de pedras mediam cerca de 1,50cm (um metro e meio) e foram colocadas as pedras umas em cima das outras pelos negros para eles poderem se proteger dos homens brancos quando vinham pegá-los. Eles ficavam escondidos atrás das pedras também esperando para atacarem ou para dar tempo fugirem pelo outro lado da lagoa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Balaiada foi importantíssima para nós porque se envolveram neste movimento representantes das classes baixa e média da área de conflito. E isso, demonstra que havia uma grande parcela da sociedade que se encontrava insatisfeita com as precárias condições, as quais estavam submetidas. Além disso, revela o desejo do povo brasileiro por uma sociedade menos centralizadora do poder e das riquezas nacionais. Embora os balaios tenham sido derrotados nos campos de combates, ficou para a história do Brasil o tipo de caráter do povo brasileiro que estava se construindo, ou seja, um povo que embora amigável não pensava duas vezes ao lutar por sua liberdade e sua dignidade. Enfim, por um país mais democrático.

A nós fica o exemplo dos muitos que perderam a própria vida por este sonho, pois é melhor morrer por um sonho por mudanças, do que vivermos um pesadelo todos os dias, vendo a miséria dentro de nossas casas. Não só a miséria financeira, mas também a cultural. Pois não podemos conceder uma sociedade que não se sinta ofendida com o abuso de poder, a exploração dos menos agraciados financeiramente e esclarecidos.

Os nossos heróis não foram os vitoriosos nos campos de guerra, mas aqueles homens simples da sociedade brasileira que fizeram parte da Balaiada, como: os vaqueiros, os pequenos fazendeiros, os negros, os índios, etc. E para nós da cidade de Magalhães de Almeida é um grande motivo de orgulho, sabermos que por aqui os balaios passaram e contagiaram os ânimos da população pobre dessa localidade. E o povoado de Trincheiras é uma prova inquestionável deste fato, pois até hoje os moradores locais contam este acontecimento e mostram os vestígios deixados pelos balaios no local. Tudo indica tratar-se de um núcleo de resistência construído de pedras e cuja posição geográfica era muito estratégica, no caso, de uma possível ação das tropas governistas. Porém, não pudemos comprovar durante a nossa pesquisa de campo, que originou este artigo, se aconteceram ou não de fato combates nesta localidade.

REFERENCIAS:

JANOTTI, M^a de Lourdes Mênaco. **A Balaiada**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. 80 p. Inclui índice. ISBN 85-11-02116-7

OTAVIO, Rodrigo. **A Balaiada 1839**: depoimento de um dos heróis do cerco de Caxias sobre a Revolução dos Balaios. São Paulo: Siliciano, 2001. Inclui índice. ISBN 85-267-0869-4

DIAS, Claudete M^a Miranda. **Balaios e bem-te-vis**: a guerrilha sertaneja. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. 224 p.

DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DA BALAIADA. Arquivo Público do Estado do Maranhão. (Série Documentos históricos do APEM). Organização: M^a Raimunda Araújo. São Luís: Edições FUNCMA, 2001. 420 p.

SERRA, Astolfo. **A Balaiada**. Biblioteca Militar. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1946.